
Saber se inventar: o memorial acadêmico na encruzilhada da autobiografia e do egodocumento

To invent yourself: the academic memorial at the crossroads of autobiography and egodocument

*Wilton Carlos Lima Silva**

Resumo: Os memoriais acadêmicos são documentos produzidos para satisfazer exigências institucionais nos concursos públicos de progressão na carreira docente, com o autor descrevendo sua trajetória, com ênfase em suas atividades de pesquisa, publicações em periódicos indexados, atividades em cursos de pós-graduação, palestras e material didático qualificado produzido, cursos de extensão e demais atividades pertinentes à sua área de atuação. Além de instrumento de avaliação do mérito acadêmico do candidato, também se apresenta como um dos raros momentos nos quais é legítima a fala do intelectual sobre si mesmo, abordando opções, práticas, vivências e memórias como “experiência”. Assim, entende-se o memorial acadêmico como uma forma de escrita autobiográfica que é condicionada por uma tradição intelectual-institucional, na qual diferentes níveis de subjetivação afirmam uma *persona*, delimitada, entre outros aspectos, pela proeminência de modelos narrativos que determinam presenças e ausências no relato do autor.

Palavras-chave: Memorial. Autobiografia. Egodocumento. Memória.

Abstract: Academic memorials are documents produced to meet institutional requirements of progression in the teaching career, with the author describing his history, with an emphasis on researchs, publications in indexed journals, activities in postgraduate courses, lectures and production of qualified materials, extension courses and other activities related to their area of expertise. In addition to the candidate's academic merit assessment tool it is also presented as one of the rare moments in which it is legitimate for the intellectual to speak about himself, addressing options, practices, experiences and memories, as “experience.” Thus, we understand the academic memorial as a form of autobiographical writing that is conditioned by an intellectual and institutional tradition, in which different levels of subjectivity claim a *persona*, defined, among other things, by the prominence of narrative models that determine presence and absence in the author's report.

Keywords: Academic memorial. Autobiography. Egodocument. Memory.

* Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Assis. Professor Livre Docente do Departamento de História na UNESP, Campus de Assis. Assis, SP, Brasil. *E-mail:* wilton@assis.unesp.br

Introdução

Éste que veis aquí, de rostro aguileño, de cabello castaño, frente lisa y desembarazada, de alegres ojos y de nariz corva, aunque bien proporcionada; las barbas de plata, que no ha veinte años que fueron de oro, los bigotes grandes, la boca pequeña, los dientes ni menudos ni crecidos, porque no tiene sino seis, y éstos mal acondicionados y peor puestos, porque no tienen correspondencia los unos con los otros; el cuerpo entre dos extremos, ni grande, ni pequeño, la color viva, antes blanca que morena; algo cargado de espaldas, y no muy ligero de pies; éste digo que es el rostro del autor de La Galatea y de Don Quijote de la Mancha, y del que hizo el Viaje del Parnaso, a imitación del de César Caporal Perusino, y otras obras que andan por ahí descarriadas y, quizá, sin el nombre de su dueño. Llámase comúnmente Miguel de Cervantes Saavedra. Fue soldado muchos años, y cinco y medio cautivo, donde aprendió a tener paciencia en las adversidades. Perdió en la batalla naval de Lepanto la mano izquierda de un arcabuzazo, herida que, aunque parece fea, él la tiene por hermosa, por haberla cobrado en la más memorable y alta ocasión que vieron los pasados siglos, ni esperan ver los venideros, militando debajo de las vencedoras banderas del hijo del rayo de la guerra, Carlo Quinto, de felice memoria.¹ (Miguel de Cervantes).

O retrato retórico se caracteriza por uma descrição minuciosa e vertical de um corpo e de uma fisionomia, que se inserem na tradição literária medieval e renascentista com a denominação de *anatomia* ou *effictio*.²

O destaque da descrição de si mesmo por Miguel de Cervantes, no prólogo de suas *Novelas ejemplares* (1613), utilizado como epígrafe deste texto, se justifica pela hábil junção de dois tipos de retrato: o retórico e o fisionômico, mantendo a ordem vertical da narrativa, com forte ênfase realista e a presença de uma fina ironia. (MICHALSKI, 1981).

O retrato é uma das formas de autonarrativa que, pela seleção, descrição e análise das particularidades de um indivíduo, se insere no amplo leque de documentos autobiográficos, assim como os diários, as cartas, as memórias, os testemunhos, os egodocumentos e, é óbvio, as autobiografias.

Schulze (2005) define o egodocumento como uma forma de narrativa autobiográfica de natureza institucional que abrange os documentos escritos de forma involuntária ou obrigatória, como processos civis e criminais, livros de contas, testamentos, entre outros.

Por sua vez, Lejeune (2008, p. 48) criou uma definição bastante referenciada sobre o que constitui o um texto autobiográfico: uma narrativa em prosa na qual uma pessoa real faz uma retrospectiva de sua própria existência, com ênfase em sua vida individual e na história de sua personalidade.³

Na sociedade contemporânea, a autonarrativa carrega em si, como processo de subjetivação, dimensões identitárias, públicas, explícitas, instantâneas, personalistas, factuais, relacionais e midiáticas, que oferecem o *privado*, o *íntimo* e o *confessional* em distintos níveis, mas que sempre apresentam uma orientação *alterdirigida*, ou seja, construções de si orientadas para uma exposição que objetiva legitimar formas de ser e estar-no-mundo.

Trata-se de uma exposição negociada de identidades individuais e coletivas, nas quais o autor, o narrador e o protagonista são a mesma pessoa em que se destacam os diversos vínculos propostos em relação aos receptores/leitores, de tal forma a consolidar uma complexa relação entre o *eu*, o outro e o nós.

Alberti (2005) aponta à distinção, proposta por Peter Hüttenberger, dos vestígios do passado em *resíduos de ação* e *relatos de ação*, dos quais seriam exemplos, do primeiro caso, os típicos documentos de arquivo (pedaços de uma ação passada) e do segundo, cartas, memoriais e autobiografias, embora reconheça que um relato também permita seu entendimento como resíduo a partir de sua intencionalidade.

Referindo-se particularmente à autobiografia, Alberti cita Hüttenberger:

Uma autobiografia é e quer ser principalmente um “relato” de ações passadas do ponto de vista de uma pessoa. Mas ela também pode ser “parte” de uma ação e, por isso, “resíduo”. Tanto assim que alguns autores guardam provisoriamente suas autobiografias, porque receiam conseqüências políticas ou de outro tipo. Eles acreditam que seu texto contém um potencial de possibilidades de ação, podendo, com isso, desencadear novas ações. As autobiografias querem instruir os leitores e impingir-lhes uma visão especial dos acontecimentos. (2005, p. 168).

Aquele que cria o relato, na tensão entre singularização, universalização e particularização, pensa oferecer em sua narrativa a exposição de um ser e estar-no-mundo mediados por esforços introduzidos

e alterdirigidos, pelos quais o “escrever para ser” e o “ser para escrever” se mesclam de forma dinâmica.

Memoriais acadêmicos: egodocumento e autobiografia

Nosso interesse, dentro da ampla gama de narrativas autobiográficas,⁴ se dirige a um tipo de documento específico – o memorial acadêmico – utilizado nas universidades brasileiras como elemento de avaliação para a progressão funcional do professor, e que, em algumas áreas das ciências humanas se mostra como uma das poucas situações nas quais a narrativa em 1ª pessoa, com ponto de vista totalizador e retrospectivo, é legitimada.

Uma escrita autobiográfica que se estrutura a partir de exigência institucional para uma possível ascensão profissional, normatizada para a comprovação da trajetória do docente, com ênfase em atividades de pesquisa, publicações em periódicos indexados, atuação em programas de pós-graduação, produção de palestras, de material didático e de publicações acadêmicas qualificadas, vinculação em atividades de extensão e outras realizações pertinentes à sua área de atuação.⁵

Desse modo, diversos departamentos das universidades brasileiras assistem periodicamente à confecção de um documento – muitas vezes não suficientemente valorizado – que conjuga uma natureza formalística e institucional com uma dimensão pessoal e memorialística, abordando desde a escolha da profissão e a formação inicial até o desenvolvimento da carreira docente e as opções e práticas, vivências e memórias, vistas como “experiência”.

As origens do memorial, entendido como um relato crítico da trajetória cultural-intelectual do indivíduo, assim como de suas expectativas profissionais e acadêmicas, remontam ao *Exposé des titres et travaux scientifiques*, característico da carreira acadêmica francesa.

Nas universidades brasileiras a solicitação de memoriais iniciou com as universidades federais a partir de 1934, se estendendo nessas instituições até 1968, como exigência nos concursos para professor catedrático e, posteriormente titular,⁶ sendo ainda mantida na consolidação da carreira docente, como nas universidades paulistas em que ocorre também a livre-docência antes da titularidade.

Moraes (1985, p. 36) contrasta o *curriculum vitae*, “conjunto de informações sobre as habilitações do indivíduo, apresentado de maneira

sequencial e sem comentários”, com o memorial “relatório de informações do indivíduo apresentado de maneira crítica”, através do referencial narrativo.⁷

Passaggi e Souza definem o memorial acadêmico:

Gênero acadêmico autobiográfico, por meio do qual o autor se (auto)avalia e tece reflexões críticas sobre seu percurso intelectual e profissional, em função de uma demanda institucional. O interesse de sua narrativa é clarificar experiências significativas para a sua formação e situar seus projetos atuais e futuros no processo de inserção acadêmica e ascensão profissional. (2008, p. 120).

Tal narrativa se soma a um conjunto de documentos que são apresentados por ocasião da inscrição do candidato a concurso público de provas e títulos em três situações possíveis: para ingresso, nos concursos de contratação, ou para concursos de Professor Livre-Docente (que só existem nas universidades paulistas) ou de Professor Titular (em todas as universidades).⁸

Por uma questão de acessibilidade às fontes e de recorte temático, nos interessam, aqui, documentos desse tipo apresentados em concursos públicos referentes a uma vaga de professor livre-docente ou titular oferecida por um departamento de ciências humanas e que será preenchida mediante a seleção de um de seus professores interessados na ascensão profissional.

Descontadas pequenas particularidades locais, o ritual do concurso é encabeçado por uma comissão nomeada pela instituição, composta por cinco professores que já possuem o título oferecido pelo edital, sendo somente um do departamento e os demais de outras Instituições de Ensino Superior (IESs).

Durante dois ou três dias, a comissão certifica o desempenho acadêmico do candidato através da pontuação obtida pela documentação de comprovação pelo docente de suas diferentes realizações profissionais e realiza a avaliação de mérito do memorial (ou da tese) com sua respectiva apresentação e defesa.⁹

Uma particularidade que distingue os memoriais para concursos de livre-docência e de titularidade em relação aos de contratação é que, embora também possuam um caráter público e uma normatização pelo edital, tratam do reconhecimento entre pares de uma trajetória que é, de certa forma, já compartilhada com a banca e que, na maioria das vezes, tem uma dimensão maior de legitimação do que de agregação, ou

seja, o indivíduo desfruta de reconhecimento e está consolidando sua carreira em um novo nível profissional e funcional a partir do conjunto de sua obra (não é necessária uma tese de titularidade, por exemplo).

Em alguns casos, a ascensão profissional marca mais o reconhecimento de um novo patamar funcional, que foi se consolidando ao longo do tempo em etapas sucessivas, e um ganho econômico-financeiro no salário do que um novo nível de produção acadêmica do candidato.¹⁰

Hermenêuticos e cartesianos

O memorial acadêmico é um documento que possui tanto uma dimensão institucional quanto individual e uma inegável dimensão autobiográfica ao expor uma trajetória profissional-pessoal, alterando sua natureza pela maior incorporação de dimensões subjetivas ao longo do tempo.¹¹

Assim, atualmente, vista como escrita de si, tanto é condicionado por uma tradição institucional e normatizado por algumas regras expressas em um edital de concurso público como permite também a apresentação de diferentes níveis de subjetivação.

Nas duas últimas décadas, a narrativa dos aspectos objetivos das trajetórias dos professores, em termos profissionais e organizacionais, se mescla aos aspectos pessoais e subjetivos nesse documento, permitindo aos seus autores estabelecerem uma relação entre a sua *persona* e a sua *pessoa*, ou seja, o seu papel profissional e a sua individualidade, de modo a situar-se diante do contexto pessoal e sócio-histórico.

Câmara e Passeggi (2012) identificam, a partir de um conjunto de memoriais acadêmicos apresentados em concursos públicos da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA), três estruturas narrativas nesse tipo de documento (de institucionalização, entre 1930 e 1950, de consolidação, entre as décadas de 1950 a 1970, e de diversificação, a partir de 1980).

A fase de institucionalização apresentou maior rigidez formal, sendo que o sequenciamento cronológico da documentação e da trajetória se impunha como exigência fundamental e cuja não observação poderia justificar a reprovação do candidato, embora, mesmo assim, pudessem ocorrer rápidas referências pessoais como nas descrições dos ambientes familiar e escolar, por exemplo.

A segunda fase, entre as décadas de 50 e 70, aproxima enormemente o memorial do *curriculum vitae*, reforçando a dimensão enumerativa dos eventos da vida científica dos professores e de suas realizações, em um contexto crescente de estruturação burocrática do Estado, que atinge seu ápice no regime militar (que transformava a documentação em um mecanismo de diluição do sujeito nas estruturas sociais das quais fazia parte, transformando-o em dígitos de RG, CPF, PIS e outros registros diversos, para além de seu nome próprio) e pela maneira como a universidade brasileira sofre uma ampla influência dos modelos acadêmicos norte-americanos, nos quais a objetividade do *curriculum vitae* era um padrão mais desejável por sua própria instrumentalidade quantitativa do que a “exposição de títulos e trabalhos científicos” da tradição acadêmica francesa.

Finalmente, a última fase, a partir da década de 80, marcada pela valorização da perspectiva pessoal a partir do giro linguístico/subjetivo, permitiria uma crescente diversificação que se consolida nos dias atuais.

Teoricamente, o memorial deve refletir não só os aspectos subjetivos do narrador acadêmico, mas também os contextos intelectuais nos quais ele se insere, de modo tal que a crise paradigmática sofrida pelas ciências humanas nas últimas décadas, que se expressam, entre outros aspectos pelo giro linguístico e pelo retorno da narrativa, devem se manifestar na orientação discursiva desses documentos.

A perspectiva autorreflexiva marcada por uma crescente abordagem subjetiva valoriza mais e mais as experiências de recordação e exposição das vivências individuais, a fusão de lembrança e avaliação, a delimitação de “eventos marcantes”, “episódios nucleares”, “memórias definidoras do *self*”, e “memórias vívidas”, expostos como referenciais das identidades pessoal e profissional e a percepção de uma trajetória ao mesmo tempo coletiva e singular.

Assim, a incorporação de dimensões que estão para além da enumeração permite perceber o trajeto como algo que engloba palavra, imagem, gesto e forma de vida, e transformar a rememoração de cada experiência, como *performance* que, somada a outras, forma uma imagem construída a partir dos projetos, das possibilidades e dos desejos do docente.

Essa dimensão performativa pode ser testemunhada pela maneira (como no caso dos professores universitários, sabidos intelectuais), o determinante do *nome* ocupa uma centralidade que determina um mis-

to de reconhecimento e legitimação no interior de diversos campos, sistemas e configurações sociais nos quais o referencial acadêmico é delimitado.¹²

Se o nome próprio é para o cidadão a expressão de sua identidade, embora essa dimensão exista para o intelectual no sentido de ser algo universal, em relação ao mundo acadêmico, esse nome se projeta como guardião de uma obra, que construída social e historicamente, se mostra como reflexo de realizações, vínculos, simpatias, antipatias, apreciações e indiferenças em um espaço relacional bastante delimitado.

O memorial, portanto, também pode se caracterizar, como as entrevistas, os testemunhos, as memórias, os manuscritos, os cadernos de notas ou de viagem, as correspondências e os papéis avulsos, entendidos como peça de um *puzzle* que apresenta partes da interioridade, do pensamento e da vivência de seu autor em uma multiplicidade de aspectos, desde os profissionais, como docente, pesquisador, gestor e agente de extensão, até os pessoais, como nas relações cotidianas.

A estrutura do memorial deve, obrigatoriamente, dar conta das dimensões formais específicas, determinadas em linhas gerais pelos próprios editais dos concursos públicos de livre-docência e de titularidade: o candidato deve apresentar a sua formação acadêmica, os vínculos empregatícios que estabeleceu, as atividades de ensino e as orientações de pós-graduação, uma breve descrição de sua linha de trabalho e das relações de colaboração científica que conseguiu estabelecer, as principais realizações nos campos do ensino, da pesquisa, da extensão e gestão na instituição, os resultados de pesquisa obtidos, as citações das referências dos trabalhos de pesquisa publicados em periódicos arbitrados de circulação nacional e internacional, os estágios de pesquisa e as visitas científicas, as apresentações em congressos, os auxílios e bolsas obtidas, a participação em bancas examinadoras e em outras atividades.

Nesse aspecto, é possível discutirmos se as determinações formalísticas das narrativas institucionais, como as de natureza judicial, administrativa ou econômica, podem contribuir para uma percepção distorcida da pessoa, ao condicionar os modelos e as abordagens narrativas.

Particularmente, entendemos que, embora tal documentação apresente aspectos redundantes – os editais definem o que não pode faltar, mas não definem tudo o que é possível inserir no memorial – temos constatado, em nossas pesquisas, que o espaço para expressão subjetiva e

seu significado cultural é de tal forma expressivo que alguns memoriais se convertem em artigos e livros.¹³

O que nos interessa, em específico, aqui, é apresentar de forma panorâmica uma determinada tradição intelectual de escrita autobiográfica nas universidades brasileiras e caracterizar dois modelos distintos em seu processo de estruturação, nos quais é privilegiada a enumeração (cartesiano) ou a descrição crítica (hermenêutico).

Tais escolhas, entre produzir um memorial como currículo ou um memorial como memória, refletem, em grande parte, as “regras do jogo” de cada campo acadêmico, o *ethos* de cada geração e o contexto de inserção do autor no ritual do concurso, mas ambas as possibilidades são representações de si e do mundo e também estratégias de autorrepresentação e autotipificação.

Como salientou Waizbort (1998, p. 77-78), essa dicotomia discursiva poderia ser explicada, em termos de origem, pelas próprias condições constitutivas do conhecimento no Ocidente na busca da diferenciação do saber científico (onde prevalece a regra da *doctrina primus, stilus ultimus*) em relação à narrativa literária (da regra *stilus primus, doctrina ultimus*), e que nas ciências sociais é reivindicada pela distinção entre *tratado* e *ensaio*.¹⁴

A distinção entre modelos enumerativos e descritivos, embora esquemática, não é reducionista, pois não pressupõe uma natureza monolítica dos memoriais, mesmo porque alguns docentes misturam, em diferentes doses, tais tendências como, conforme já apontado por Sarlo (2007), mesmo a mais simples enumeração traz em si uma narrativa.¹⁵

Outro aspecto importante é que parece ser possível estabelecer algumas relações entre distintos marcadores dos autores e as escolhas de forma e conteúdo dos memoriais.¹⁶

Os *ethos* discursivos de cada área/geração/filiação teórica podem se apresentar como diretrizes da escrita de si em professores universitários que, a partir desses marcadores, se sentem mais ou menos inseridos em uma tradição intelectual iluminista ou pós-moderna, se mostram ciosos em maior ou menor grau de referenciais acadêmicos clássicos que buscam uma clara ruptura entre sujeito e objeto ou comprometidos com a relativização da objetividade do conhecimento e a inserção da perspectiva narrativa em seu ofício.

A prevalência da enumeração a partir de uma estrutura formal, que se estrutura a partir da institucionalização da trajetória, parece oferecer a ilusão imediata da objetividade na qual a carreira não se mistura com a vida, pois, dotada de uma lógica interna, apresenta-se de forma coerente como “narrativa linear, unidimensional e teleobjetivada”, que elenca de forma ordenada sucessos profissionais sucessivos e cumulativos, capazes de ser traduzidos em indicadores mensuráveis dos méritos do autor.

Na realidade, tal enumeração resulta na afirmação de diferentes locais de enunciação e na atribuição da legitimidade aos pares, como um discurso que não é do autor, mas de outros – as etapas e instituições que legitimam sua evolução profissional e acadêmica e que devem ser reconhecidas pelos que o leem – “eu não falo de mim; meus títulos falam por mim” ou “meu valor não é uma questão de empatia, mas de matemática”.

A simples menção de que sempre estudou em escola pública nos seus anos de formação não é apenas uma informação objetiva, mas uma tentativa de partilhar a experiência, despertar empatias, demonstrar superações e criar afinidades ou contrastes diante do possível leitor.

Por outro lado, a abordagem autorreflexiva, com maior carga subjetiva, assinalaria o desenvolvimento de sensibilidades, habilidades e competências para uma melhor compreensão de si e do *outro*, de modo que a compreensão de quem se é passa pela percepção de como se tornou o que é e quais seriam as outras possibilidades de vir-a-ser, da mesma maneira que referencia o narrador em relação ao *outro* em seu passado lembrado, presente vivido e futuro projetado.¹⁷

A dimensão vivencial é privilegiada e reivindicada como legitimadora na mensuração de si por si mesmo ou por outros, em que ao invés da apresentação de um sujeito cartesiano, monolítico e definido, essa é substituída pela de um agente em busca de si, enfrentando falsos *selfs* e elaborando uma narrativa nem teleobjetivada, nem definitiva de si.

Questões como o trabalho docente e sua vinculação com o imaginário, a cultura material e o cotidiano escolar, além da compreensão de dinâmicas como o despertar para a profissão, os relacionamentos intragrupo (com os pares), as relações intergrupos, envolvendo o diálogo com instâncias administrativo-educacionais, pais de alunos e o grupo de alunos em sala de aula, com particular atenção para os processos de ensino e aprendizagem, a relação pedagógica e as exigências curriculares (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 370) parecem ser de tal forma

amplos e intensos que seriam melhor abordados somente através do relato autorreflexivo e não da enumeração formal-institucional.

Nas áreas de formação de professores ou da história da educação, existem inúmeras pesquisas que se utilizam de histórias de vida em que docentes dos Ensinos Básico e Médio realizam uma reflexão sobre sua identidade profissional docente e são encorajados a apresentar uma reelaboração de sua história, nos chamados “memoriais de formação”, dando conta das diferentes e sucessivas fases que se estendem da escolha da profissão e formação inicial até o desenvolvimento da carreira e as opções e práticas, vivências e memórias como “experiência”.¹⁸

O professor do Ensino Superior tem, na atividade de confecção de seu memorial acadêmico, uma oportunidade de reflexão semelhante, o que se traduz não só em identificar e refletir sobre práticas profissionais, saberes e espaços de atuação, mas também sobre transições identitárias e estatutárias na formação e nas atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão na sua atuação profissional, ao mesmo tempo que relaciona essa dimensão institucional e profissional com suas particularidades pessoais, escolhas e expectativas.

Embora a universidade mantenha processos de estruturação burocrática e padronização de conteúdos, também oferece uma acentuada autonomia ao docente em suas práticas, com considerável espaço para a inclusão de dimensões pessoais e subjetivas, pois, ao mesmo tempo que o professor universitário tem determinantes externas quanto à carga horária de seus cursos, a conteúdos básicos e a processos mínimos de avaliação, a sua prática de ensino e de avaliação pode, por outro lado, se desdobrar em diferentes escolhas e práticas metodológicas.

Ao contrário da maioria dos professores dos níveis anteriores de escolarização, não só pode escolher com liberdade seus livros e textos, como ainda pode produzi-los, dotando-se de voz e estabelecendo um importante espaço para construir sua prática docente e, ao mesmo tempo, refletir sobre ela, de modo a perceber e a expor as escolhas e injunções que se apresentaram ao longo de sua trajetória.

Finalmente, a relativa familiaridade com a linguagem escrita que o professor universitário teoricamente detém lhe possibilitaria, em tese, mesclar com maestria a suposta objetividade do currículo à subjetividade da memória, traduzindo suas “experiências-referências” de modo a ensinar a própria ação educativa e a prática discursiva e ainda superar o que Nora (1989, p. 11) chamou de “autobiografia falsamente literária”,

“confissões inutilmente íntimas”, “profissão de fé abstrata”, ou mesmo “tentativa de psicanálise selvagem”.

A narrativa permitiria identificar vínculos e heranças, enfatizar ou ocultar acontecimentos, assumir ou omitir relações, encadear de forma temporal ou temática, pretender objetividade ou permitir subjetividade (ou o contrário), e tantas outras configurações que dizem não só sobre o que houve e quem se é, mas também de onde se está e de como se fala.

A pesquisa *dos e com* os memoriais

Sendo fonte e objeto de pesquisa, os memoriais desfrutam de uma situação bastante particular, pois, ao mesmo tempo que existe uma tradição consolidada de sua abordagem por parte da história da educação em outras searas das ciências humanas, os estudos são bastante reduzidos.

Também chama a atenção as dificuldades na forma de acesso aos memoriais (documentos), pois existem instituições que os separam dos processos administrativos que os originaram e encaminham às suas bibliotecas, outras os identificam como apensos de tais processos e os descartam ao final dos mesmos, algumas digitalizam e os disponibilizam em seus *sites* por identificá-los como uma forma de memória institucional e, ainda, há aquelas que os enviam aos arquivos mortos dentro da lógica arquivística institucional.¹⁹

A abordagem de um volume razoável desses documentos, produzidos no interior de um mesmo departamento ou instituição, permite o mapeamento de condições gerais e particulares em relação às situações compartilhadas em termos institucionais, como os processos formativos, as formas de ascensão, os diferentes volumes sobre atividades de ensino, gestão, pesquisa e extensão em carreiras individuais ou agrupamentos específicos, os fluxos temáticos, quantitativos e qualitativos de produção, algumas redes de relações, entre outros aspectos institucionais, assim como no seio de distintos modelos narrativos, indicadores de aspectos específicos das relações familiares e de vinculação, dos pertencimentos ideológicos e intelectuais e das escolhas e conquistas.

Em termos operacionais, em uma abordagem qualitativa das fontes, o pesquisador confronta-se com algumas das inquietações metodológicas que também se fazem presentes na história oral, ou seja, com a dimensão de depoimento desses documentos: as dificuldades de estruturar

hipóteses *a priori*; a impossibilidade de definir procedimentos prévios e sistemáticos para abordar a variabilidade e amplitude do material, a possibilidade de reconfigurar pressupostos e, ainda, a relativa transitoriedade dos seus resultados, que exigem interpretações tanto sutis quanto rigorosas.

Assim, é necessária uma abordagem dinâmica e processual que, a partir de uma ação de pesquisa, identifique as particularidades de seu objeto, mapeie questões possíveis e busque referenciais e procedimentos em uma pluralidade de perspectivas capazes de compreender sua produção, sua forma e seu conteúdo, analisando as narrativas para além do simples exemplo, caso ou ilustração.

Deve-se perceber as características dessas experiências de recordação e exposição das experiências individuais, na fusão de lembrança e avaliação, destinada a responder às indagações de um grupo de leitores que é ao mesmo tempo impessoal, mas socialmente delimitado, pela proximidade, pelo vínculo e pelo reconhecimento mútuo de indivíduos que ocupam posições sociais inter-relacionadas em diferentes níveis.

A necessidade de se reconhecer a importância e a legitimidade do estudo desses documentos em relação à tradição brasileira se deve tanto a seus aspectos formais – um tipo de escrita autobiográfica de docente do ensino superior dentro de uma tradição intelectual que, de certa forma, não incentiva manifestações dessa natureza²⁰ – quanto à riqueza de seus conteúdos.²¹

Conclusão: diamantes verdadeiros

“Nesse universo todo de brilhos e bolhas
Muitos beijinhos, muitas rolhas
Disparadas dos pescoços das Chandon
Não cabe um terço de meu berço de menino
Você se chama grã-fino e eu afino
Tanto quanto desafino do seu tom
Pois francamente meu amor
Meu ambiente é o que se instaura de repente
Onde quer que chegue, só por eu chegar
Como pessoa soberana nesse mundo
Eu vou fundo na existência
E para nossa convivência
Você também tem que saber se inventar...”
(Caetano Veloso, *Diamante Verdadeiro*)

O memorial acadêmico apresenta uma dimensão subjetiva que transcende a linguagem dos documentos burocráticos e seus discursos formalizados, de maneira asséptica, cientificamente ponderada e tecnicamente equilibrada, os quais caracterizam a escrita de viés administrativo, ao incorporar uma dimensão narrativa na qual o sujeito tem maior centralidade.

Em meio ao relato formal de realizações profissionais, se fazem visíveis, pela presença ou ausência, dimensões diversas no conjunto caótico de eventos e sentidos atribuídos que formam a existência de acadêmicos e não acadêmicos, obtendo-se elementos não só para uma história de vida, mas para uma história profissional e institucional, quais estão ameaçadas de se perder nos arquivos burocráticos das universidades.

É na sua diversidade, objeto rico de significados, que os memoriais, mesmo quando se apresentam de maneira linear e asséptica, sem grandes rupturas ou multiplicidade de planos, moldados por digressões e análises para embasar uma forma de exposição historicamente construída e instrumentalmente determinada, permitem, em suas particularidades, o seu reconhecimento como tentativa de interpretação e explicação para o sentido e o sem-sentido de uma experiência compartilhada.

A reflexão sobre o seu próprio percurso, a construção de sua identidade profissional e os vínculos desenvolvidos entre formação e prática docente apresentariam um rico panorama do universo subjetivo dos processos de ensino e aprendizagem, a partir da percepção do professor.

Se, ao contrário de uma concepção menos romântica do trabalho intelectual, onde mais do que a figura do “gênio”, que solitariamente contribuiu para determinada área do conhecimento, fosse reconhecida a “construção social do conhecimento”, que permite perceber o quanto de compartilhamento de referenciais teóricos/intelectuais e de concepções de mundo é compartilhado na mesma área de pesquisa, a dimensão subjetiva de uma atividade que, em tantos momentos, no ensino e na pesquisa, coloca o indivíduo diante de si mesmo e do *outro*, seria mais valorizada.

Dentro desse conjunto de documentos textuais, podemos apontar à forma de utilização da narrativa ao apresentar dimensões valorativas como as origens, a busca de uma meta, a dimensão organizacional, a ênfase em permanências ou mudanças, o jogo de forças no qual se inseriu, a própria autorreflexão, a continuidade do *eu*, entre outras possibilidades.²²

Não se pode esquecer que o memorial é um produto histórico-institucional de uma determinada concepção de conhecimento e de carreira acadêmica, marcada pela dimensão cumulativa e racionalista, e, atualmente, em meio ao giro linguístico-subjetivo, coexistem o memorial como *curriculum*, tributário da concepção tradicional, o memorial como narrativa, referenciado nas concepções de *escrita de si*, *egodocumento*, *autoetnografia*, *ego-história*, e modelos híbridos de diferentes tipos.

O contraste necessário entre a estrutura enumerativa (cartesiana) e autorreflexiva (hermenêutica) nos memoriais, e a constatação da existência de modelos híbridos, não alteram o fato de que são o resultado de mais uma das atividades solitárias às quais o professor universitário se dedica e em que as memórias são não só reavaliadas, mas também reestruturadas e compartilhadas em um processo de ressignificação em relação à banca e ao possível leitor.

Nesse sentido, além dos diferentes referenciais que comumente se encontram nesse tipo de narrativa, como a ordem cronológica, a contextualização do período, a referência às origens familiares como o “ponto zero”, avaliações críticas sobre a atividade intelectual, a identificação de momentos determinantes, entre outros, nos chamam a atenção os silêncios que também se fazem presentes.

No processo de ressignificação da trajetória individual que é rememorada, organizada, ordenada e sintetizada produto da experiência e sensibilidade, o autor do memorial organiza sua escrita em relação a um leitor imaginário, composto por uma projeção de qual poderá ser a banca de avaliação do concurso público ao qual se submeterá e às características exigidas pelo edital do concurso.

O memorial se caracteriza por ser uma prestação de contas e não um acerto de contas, pois, embora seja consensual a tensão presente na imensa maioria das instituições pelo difícil convívio de egos e vaidades entre colegas, assim como a existência de dimensões pessoais, intelectuais, ideológicas, entre outras, pelas quais se produzem aproximações e afastamentos entre indivíduos e grupos na universidade, os autores evitam expor opiniões negativas sobre outros os quais possam originar enfrentamentos.

Como documento público, destinado formalmente à banca, mas disponibilizado pela instituição aos interessados e aos seus pares – os profissionais que dividem com os autores certas ocupações similares, referenciais teóricos (convergentes ou divergentes), redes de relações,

sentimentos de pertença ou exclusão e identidades diversas – explicitar divergências é, no mínimo, se colocar em uma posição de desgaste e poderia despertar antipatias desnecessárias.²³

Outra particularidade, indiferente ao estilo narrativo e que remete ao *Poema em linha reta*, de Fernando Pessoa, faz com que o relato desenvolva uma perspectiva sedimentar e enfatize os ganhos sobrepostos, eliminando as perdas eventuais, de modo tal que a carreira, na maioria das vezes, é descrita de forma teleobjetivada e como consequência de sucessos que se sobrepõem, sendo que, quando derrotas e fracassos se apresentam, são para justificar atos de superação.

Também chama a atenção a ausência de percepção da dimensão performática de seu *métier*, no sentido de que o processo de interação com seus alunos e pares é totalmente naturalizado, descarnado das exigências de empatia, comunicabilidade e expressão que mediam a relação pensar-fazer e, mesmo quando fazem referência à influência, por exemplo, de Richard Schechner, Victor Turner, Franz Boas, Clifford Geertz ou Michael Taussig, em maior ou menor grau sobre seus trabalhos, a auto-percepção de sua atuação performática pouco se faz presente.

Em uma referência recorrente, que é a descrição das origens e de episódios marcantes da trajetória, em geral as questões de classe se fazem muito mais presentes do que as de gênero e raça, não só em relação a si mesmo como em relação ao *outro*.

Diversos aspectos contribuem para isso, com destaque para a questão geracional – a livre-docência é alcançada, em geral, por profissionais com mais de quarenta anos, e a titularidade, por maiores de cinquenta anos – o que influencia em larga escala em muitos de seus referenciais de formação, nos quais se insere uma percepção mais acentuada dos conflitos de classe, uma naturalização do reduzido número de negros nos quadros da docência universitária do País, a sobrevivência de uma tradição misógina no campo intelectual que busca identificar como fragilidade/limitação/incapacidade aspectos da condição feminina,²⁴ a homofobia, o estigma da condição homossexual, entre outras.

Soma-se a essas ausências de percepção certa desconsideração pela dimensão física/corporal de sua existência, como se o intelectual fosse unidimensional ou totalmente afastado não só de uma afetividade e sexualidade que se desdobram em fortes condicionantes sociais,²⁵ como também das dificuldades mundanas do ganho de peso, do enfraquecimento da visão, dos pequenos desgastes ou das lesões por esforço repetitivo

do escrever, ler, falar ou de outros pequenos males (problemas ou angústias com a pressão arterial, o diabetes, o colesterol, as cardiopatias, os problemas respiratórios, a insônia, etc.).

Os problemas físicos ou psíquicos, que eventualmente são vivenciados por todos, não existem nos memoriais, mesmo que tenham afetado a atividade docente ou a produção acadêmica do narrador, como se assim fosse afirmada a dualidade – corpo e alma – ou – mente e físico – em uma de suas manifestações reificadas e em uma sociedade na qual o fetiche do corpo e o cuidado com a saúde são tão recorrentes, esses referenciais praticamente inexistem nas narrativas.

Mas para além de seus silêncios, o grande mérito de tais textos, além de seu óbvio valor histórico, visto como relato de uma experiência docente e das vivências e identidades que a ela se relacionam dentro de determinado contexto sociocultural, afirma seu valor didático, ao colocar o *eu* do autor e suas experiência do passado, do presente e do futuro em referência ao *outro*, o leitor, e pela possibilidade de compartilhamento que isso significa.

Em uma sociedade onde se ampliam tensões, antagonismos, fanatismos e fundamentalismos, a construção de identidades e alteridades de forma relacional e dialógica se mostra uma necessidade urgente.

Encerramos afirmando que o docente que, para além da diferença geracional com seus alunos e das dinâmicas institucionais de seu departamento, enfrenta novos arranjos de comunicação e sociabilidade e assiste à construção de formas de subjetivação baseadas na exposição negociada de identidades individuais e coletivas, em um terreno no qual o “extremamente privado” e o “absolutamente público” se fundem constantemente, necessita ponderar não só sobre a ampliação do seu conhecimento técnico-científico ao longo de sua trajetória, mas também sobre as distintas possibilidades de herança intelectual e vivencial, tal como é apontado por Santos:

Paul Valery decía que hoy está olvidando algo esencial en la educación de la gente joven; que es mucho más importante para un muchacho aprender de la persona de su maestro que de las páginas de un libro. Lo que se aprende de los maestros se basa en su experiencia de la vida, y por ello lo que nos enseñan no son cosas, sino más que cosas. Nos enseñan a vivir, y vivir no es una cosa, sino algo que está más allá, una asignatura hoy casi desconocida.²⁶ (1993, p. 40).

Notas

¹ “Este que você vê aqui, de rosto aquilino, com cabelos castanhos, testa lisa, olhos brilhantes e de nariz curvo, mas bem proporcionado; a barba de prata que há vinte anos era dourada, com um bigode amplo, a boca diminuta com dentes nem pequenos nem grandes, e são somente seis, mal conservados e pior colocados, por não terem correspondência uns com os outros; o corpo entre dois extremos, nem alto e nem baixo, de cor vívida, mais branca do que morena; costa um pouco curvada, não muito rápido em seu andar; esta é a aparência do autor de *La Galatea* e de *Don Quixote*, e de quem também escreveu *Viagem do Parnaso*, ao estilo de César Caporal Perugino, e outras obras que estão extraviadas por aí e, talvez, sem o seu nome. Comumente chamado de Miguel de Cervantes Saavedra. Foi soldado durante muito tempo, sendo mantido cativo por cinco anos e meio, quando aprendeu a ser paciente na adversidade. Com um tiro perdeu a mão esquerda na batalha naval de Lepanto, cicatriz que embora pareça feia é avaliada como bela por ele, por tê-la recebido na mais grandiosa e memorável ocasião já vista pelos séculos passados, e sem igual nos tempos futuros, lutando sob a vitoriosa bandeira do filho do raio da guerra, Carlo V, de feliz memória.” (Tradução nossa).

² Galán et alii (2015, p. 295) definem esse tipo de narrativa da seguinte forma: “El retrato es uno de los varios recursos novelescos utilizados para caracterizar a un personaje; puede estar a cargo del narrador, de alguno de los personajes y, en escasas ocasiones, de sí mismo. Su naturaleza es descriptiva y en el relato se diferencia de la narración propiamente dicha.”

³ Tal definição estabelece critérios de identidade do autor/narrador (uma pessoa real), da forma da linguagem (narrativa em prosa), da temática (a vida individual e a história de sua personalidade) e da perspectiva (retrospectiva). Textos dessa natureza inspiram um amplo leque de estudos, em diversas áreas das ciências humanas, que abarcam a construção e análise de relatos pessoais em um gênero de pesquisa que enfatiza termos como “narrativas de vida”, “auto/biografia”, “escritas do eu”, “escritas de si”, “história de vida”, entre outros.

⁴ Arfuch (2013) problematiza de que forma, em termos individuais e coletivos, se entrelaçam memória e autobiografia, biografia e experiência, testemunho e autoficção, no interior de uma sociedade na qual a subjetivação é uma necessidade e uma obrigação. Em uma nova dinâmica de exposição dos conteúdos vivenciais e com uma amplitude de caráter global, atualmente possível graças às novas tecnologias da informação, para além das fronteiras físicas, tradições linguísticas e âmbitos culturais, surgem múltiplas opções estéticas e estilísticas que abarcam distintas formas e diversos suportes, como a autoficção, o docudrama, os *reality shows*, as redes sociais, entre outros.

⁵ Silva (2015a; 2015b) discute, respectivamente, como esse tipo de documento pode ser abordado como fonte de pesquisa autobiográfica e as obrigações de escrita de acordo com os *ethos* de cada área. Schweiger (2009) compara, como gênero textual e suas funções, o “Memorial Acadêmico” brasileiro com o “Akademischer Lebenslauf”, usual na Alemanha.

⁶ Recentemente, o governo federal brasileiro aprovou a Lei 12.272, de 28

de dezembro de 2012, que dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos do Magistério Federal, criando critérios para a ascensão profissional nas universidades federais e prevendo a autonomia para cada universidade federal criar os mecanismos para o acesso ao cargo de professor titular.

⁷ D’Onofrio (1999, p. 74), por sua vez, identifica o memorial acadêmico como “um currículo comentado, a história de uma vida refletida, a auto-análise dos fatos memoráveis, visando especialmente pôr em luz a evolução na área de conhecimento escolhida”.

⁸ No caso dos concursos de contratação, somente os memoriais dos candidatos aprovados são retidos, sendo os demais devolvidos aos candidatos não escolhidos pelo processo de seleção, e a normatização do edital, somada ao necessário distanciamento pessoal e institucional da banca do concurso público, determinam com maior força os conteúdos esperados e a forma de apresentação de si, em uma situação na qual o candidato, para evitar qualquer desgaste ou exposição desnecessária, se atém aos aspectos mais formalísticos. Um objeto de pesquisa relevante, mas de difícil realização pela inacessibilidade das fontes seria comparar distintos modelos dos candidatos aprovados e reprovados em um mesmo concurso na busca de convergências, divergências e particularidades.

⁹ A descrição contempla a realidade estabelecida para a maioria das universidades federais nos concursos para professor titular (não existe o professor livre-docente nessas instituições), a partir de portaria normativa estabelecida pelo Ministério da Educação em 2013. Nas universidades públicas do Estado de São Paulo, onde existem os dois níveis e ocorre uma normatização própria, o memorial é

obrigatoriamente apresentado nos dois concursos, sendo que no Concurso de Livre-Docência, estabelecido desde 1976, é necessária também a apresentação de uma tese e de uma aula.

¹⁰ Dessa maneira, algumas regras, em certas universidades federais, valoram atividades intrínsecas ao vínculo com a instituição, minimizando, dessa forma, a produção acadêmica em si ou as teses de livre-docência nas universidades paulistas que, em realidade, são a junção de trabalhos já publicados em um único volume. Curiosamente o professor titular de universidade federal só pode participar da banca de professor livre-docente nas universidades paulistas se obteve o título com submissão de tese.

¹¹ Waizbort (2011) problematiza as particularidades do memorial a partir de uma arguição desenvolvida em um concurso do qual participou.

¹² Como aponta Bourdieu (1996, p. 78) o registro civil agrega “uma identidade social constituinte e duradoura que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis nos quais ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis”. E Lejeune (2008, p. 23) relaciona tal dimensão com o texto autobiográfico: “É, portanto, em relação ao nome próprio que devem ser situados os problemas da autobiografia. [...] É nesse nome que se resume toda a existência do que chamamos de autor: única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito.”

¹³ Por exemplo: Soares (1981), Marton (2004), Hollanda (2009), Lins de Barros (2009; 2011), entre outros.

¹⁴ As inquietações sobre as fronteiras entre saber científico e narrativa literária tem sido ponto de inflexão em diversos autores de distintas áreas. Na história, em particular, destacam-se trabalhos como os de Daston e Sibum (2003) que oferecem idéias promissoras sobre o desempenho do pesquisador como *performance* no interior da ciência, Collini (1988) e Paul (2011, 2012, 2014) que problematizam de maneira bastante original as determinações do campo histórico sobre o desenvolvimento de habilidades e perspectivas intelectuais dos historiadores, Popkin (2001, 2005) e Aurell (2008) que buscam caracterizar modelos de escrita autobiográfica entre historiadores e James e James (1986). Discussão semelhante já se colocava antes na antropologia, pela própria particularidade da questão vivencial no trabalho de campo, e tem sido problematizada por James e James (1986), Fischer e Marcus (1986, 2003) e Rosaldo (1980, 1989) que consolidaram o conceito de “autoetnografia”, explicitando a dimensão autobiográfica na atividade etnográfica.

¹⁵ Sarlo (2007, p. 80) reflete sobre a análise de Hayden White sobre os *Anais de Saint-Gall*, indicando que mesmo textos que parecem oferecer uma relação de transparência são produto de operações retóricas e ideológicas, pois “a estrutura simples dos Anais (uma coluna de anos à esquerda, uma coluna de ‘fatos’ à direita) indica ao mesmo tempo regularidade temporal, uma linha contínua formada pelos anos, e a presença de uma hierarquia implícita que marca quais fatos merecem ser incorporados. Há anos em que não aconteceu nada, e diante disso é inevitável perguntar-se o que quer dizer *nada* para o analista: uma pergunta que remete aos problemas de construção

da referência, e não só de relação entre texto e referência”.

¹⁶ Atualmente, desenvolvemos pesquisa sobre os memoriais dos Departamentos de História e de Antropologia do Instituto de Filosofia e Letras da Unicamp e, embora ainda não tenham sido totalmente explorados toda a documentação e seus marcadores de área de atuação, diferenças geracionais, identidade de gênero, entre outros, temos convicção de que afetam certos modelos narrativos e influenciam na presença ou ausência de certos topos discursivos.

¹⁷ Como afirmam Gauer e Gomes (2008, p. 508), tais “memórias refletem padrões de expectativas culturais permitindo ao indivíduo verificar a maior ou menor adequação da sua própria trajetória individual às convenções sociais, de quais são os eventos que tipicamente fazem parte de uma história de vida”.

¹⁸ “Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quello che noi succede” ou “quello che noi accade”; em inglês, “that what is happening to us”; em alemão, “was mir passiert”. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (BONDÍA, 2002, p. 21).

¹⁹ Na FFLCH da USP, todos os memoriais são arquivados no Centro de Apoio à Pesquisa em História Sérgio Buarque de Holanda, sendo que alguns estão disponibilizados na *home page* da faculdade (<http://fflch.usp.br/memoriais>). No IFCH da Unicamp, os memoriais

eram descartados após os concursos e somente após nosso contato com a chefia do Departamento de História solicitando informações sobre o destino de tal documentação, percebeu-se a sua importância para a construção da memória institucional e, em 2015, teve início uma tentativa de recuperação e guarda por parte da biblioteca local.

²⁰ Como exemplo, por contraste entre o número de memoriais disponíveis ante as autobiografias publicadas, no caso dos historiadores brasileiros, ao longo de um longo período de institucionalização dos estudos históricos no País e dentro de uma grande diversidade de abordagens teórico-metodológicas existentes, somente dois autores investiram em escrever suas autobiografias: o conjunto de livros de Nelson Werneck Sodré (*Memórias de um soldado*, de 1967; *Memórias de um escritor – I – Formação*, de 1970 relançado com o título *A luta pela cultura* em 1990; *Ofensiva reacionária*, de 1992; e *A fúria de Calibã: memórias do golpe de 64*, de 1994) e de Bóris Fausto (*Negócios e ócios: histórias da imigração*, de 1997; *Memórias de um historiador de domingo*, de 2010; e *O brilho do bronze*, de 2014).

²¹ Uma primeira fase de nossa pesquisa documental tem se processado a partir dos memoriais dos professores dos Departamentos de Antropologia e de História da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual Paulista (Unicamp), no período entre 2000 e 2013, que formam um grupo de cerca de trinta memoriais, sendo que é em relação a esse universo que construímos nossa análise.

²² Não são raros os memoriais nos quais seus autores, até por hábito/vício, fazem longas digressões teórico-filosóficas, utilizam-se de citações ou mesmo de notas de rodapé.

²³ Socialmente mais aceito é falar do “mel” dessas experiências, e o “fel” só aparece em conversas informais ou quando, pelo conjunto da obra e pelos anos de experiência no ofício, o professor pode ter o luxo de dar “nomes aos bois”. Fausto (2010, p. 264), em um dos parágrafos finais de suas memórias, faz um balanço sobre sua formação e sua produção intelectual como historiador no qual parece fazer clara referência aos momentos de desgaste ou tensão não relatados de sua vida acadêmica: “O convívio institucional com os professores me fez ver a preciosidade dos anos passados na reitoria. [...] (Onde ao contrário do departamento em que lecionei havia) um ambiente de solidariedade sem paralelo entre os colegas de trabalho”.

²⁴ Como se a condição feminina, por exemplo, não tivesse, no convívio universitário, situações não só de mérito e produção, mas de assédio, misoginia, sobrecarga de jornada, entre outras tensões mundanas.

²⁵ Interessante trabalho sobre as afetividades na carreira acadêmica é a dissertação em antropologia de Moraes (2012) com o título *Pântanos de relações e colchões de cumplicidade: academia e conjugalidade na perspectiva de quatro mulheres intelectuais*.

²⁶ “Paul Valéry dizia que foi esquecido algo essencial na educação dos jovens; que é muito mais importante para uma pessoa aprender com seu professor do que das páginas de um livro. O que se aprende com professores tem como base a experiência de vida, e, portanto, o que ensinam não são coisas, mas muito mais que coisas. Ensinam-nos a viver, e viver não é uma coisa, mas algo que está mais além, um assunto quase desconhecido hoje.” (Tradução nossa).

Referências

- ALBERCA, M. *El pacto ambiguo: de la novela autobiográfica a la autoficción*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- ALBERTI, V. Fontes orais: histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.
- AMELANG, J. *El vuelo de Ícaro: la autobiografía popular en la Europa moderna*. Madrid: Siglo XXI, 1998.
- ARFUCH, L. *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- ARFUCH, L. *Memoria y autobiografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- AURELL, J. Del logocentrismo a la textualidad: la autobiografía académica como intervención historiográfica. *Edad Media* – Revista de Historia Valladolid, n. 9, p. 193-222, 2008.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 19, p. 20-28, 2002.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 181-191.
- CABALLÉ, A. *Narcisos de tinta: ensayo sobre la literatura autobiográfica en castellano (siglos XIX y XX)*. Málaga: Megazul, 1995.
- CÂMARA, S. C. X.; PASSEGGI, M. C. O gênero memorial acadêmico no Brasil: concepções e mudanças de uma autobiografia intelectual. In: JORNADA NACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS LÍNGUISTICO DO NORDESTE, 24., 2012, Natal. *Anais...* Natal: UFRN, 4 a 7 de set, 2012. Disponível em: <<http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/1517-ARTIGO-GELNE-2012-SandraCXCamara-Passeggi.pdf>>. Acesso em: 7 jan. 2016.
- CATELLI, N. *En la era de la intimidad: el espacio autobiográfico*. Rosário: Beatriz Viterbo, 2007.
- COLLINI, S. Discipline History and Intellectual History: reflections on the historiography of the social sciences in Britain and France. *Revue de Synthèse*, Paris, v. 109, n. 3-4, p. 387-399, 1988.
- D'ONOFRIO, S. *Metodologia do trabalho intelectual*. São Paulo: Atlas, 1999.
- DASTON, L.; SIBUM, H. O. Introduction: scientific personae and their histories. *Science in Context*, Tel Aviv, v. 16, n. 1, p. 1-8, 2003.
- DAVIS, J. C.; BURDIEL, I. *El otro, el mismo: biografía y autobiografía en Europa (siglos XVII-XX)*. València: Universitat de València, 2005.
- DELORY-MOMBERGER, C. *Le sens de l'histoire: moments d'une biographie*. Paris: Anthrôpos, 2001.
- DELORY-MOMBERGER, C. *De l'invention de soi au projet de formation*. Paris: Anthrôpos, 2004.
- DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: Ed. da UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DOSSE, F. *La apuesta biográfica: escribir una vida*. Valencia: Universitat de València, 2007.
- FAUSTO, B. *Memórias de um historiador de domingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- FISCHER, M. M. J. *Emergent forms of life and the anthropological voice*. Durham: Duke University Press, 2003.
- FISCHER, M. M. J.; MARCUS, G. M. *Anthropology as cultural critique*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.
- GALÁN, M. S.; INDURÁIN, C. M.; SIERRA, H. H. R. *Cervantes creador y Cervantes recreado*. Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2015.
- GAUER, G.; GOMES, W. B. Recordação de eventos pessoais: memória autobiográfica, consciência e julgamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 507-514, 2008.
- HOLLANDA, H. B. *Escolhas: uma autobiografia intelectual*. Rio de Janeiro: Língua Geral; Carpe Diem, 2009.
- JAMES, C.; JAMES, M. *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Los Angeles: University of California Press, 1986.
- LACAPRA, D. *Historia en tránsito: experiencia, identidad, teoría crítica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.
- LINS DE BARROS, M. M. Memória, experiência e narrativa. In: ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. *Individualismo, sociabilidade e memória*. Porto Alegre: Deriva, 2009. p. 240-252.
- LINS DE BARROS, M. M. Memória, experiência e narrativa. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 12, n. 29, p. 4-17, 2011.
- MARTON, S. *A irrecusável busca de sentido: autobiografia intelectual*. São Paulo: Ateliê, 2004.
- MICHALSKI, A. El retrato retórico en la obra cervantina. In: DEL VAL, Manuel Criado. *Cervantes: su obra y su mundo. Actas del I Congreso Internacional sobre Cervantes*. Madrid: EDI-6, 1981. p. 39-46.
- MORAES, F. A. Pântanos de relações e colchões de cumplicidade: academia e conjugalidade na perspectiva de quatro mulheres intelectuais. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96224/302924.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 mar. 2016.
- MORAES, I. N. *Elaboração da pesquisa científica*. São Paulo: Álamo; Faculdade Ibero-Americana, 1985.
- NORA, P. *Ensaio de ego-história*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, 2011.
- PASSEGI, M. C.; SOUZA, E. C. *(Auto)biografia: formação, territórios e saberes*. Natal: Ed da UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- PAUL, H. Performing History: how historical scholarship is shaped by epistemic virtues. *History & Theory*, Middletown, v. 50, n. 1, p. 1-19, 2011.
- PAUL, H. The Scholarly Self: ideals of intellectual virtue in Nineteenth-Century Leiden. In: BOD, R.; MAAT, J.; WESTSTEIJN, T. *The making of the humanities: From Early Modern to Modern Disciplines*. Amsterdam: Amsterdam University Press, p. 397-411, 2012.

- PAUL, H. What is a Scholarly Persona? Ten theses on virtues, skills, and desires. *History & Theory*, Middletown, v. 53, n. 3, p. 348-371, 2014.
- POPKIN, J. D. Coordinated Lives: Between Autobiography and Scholarship. *Biography: An Interdisciplinary Quarterly*, Honolulu, v. 24, n. 4, p. 781-806, 2001.
- POPKIN, J. D. *History, historians and autobiography*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.
- POZUELO YVANCOS, J. M. *De la autobiografía: teoría y estilos*. Barcelona: Crítica, 2005.
- ROSALDO, R. *Ilongot headhunting: 1883-1974*. Stanford: Stanford University, 1980.
- ROSALDO, R. *Culture & Truth: the remaking of social analysis*. Boston: Beacon Press, 1989.
- SANDOICA, E. H. La biografía, entre el valor ejemplar y la experiencia vivida. *Asclepio*, Madrid, v. LVII, n. 1, p. 23-41, 2005.
- SANTOS, A. F. Kurosawa desvela la degradación estilística del telecine actual. *El País*, Sevilla, 15 maio, p. 40, 1993.
- SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHULZE, W. Sobre el significado de los ego-documentos para la investigación de la Edad Moderna. In: AMELANG, J. A. *De la autobiografía a los ego-documentos: un forum abierto*. Cultura, Escrita y Sociedad, Madrid: Universidad de Alcalá, n. 1, p. 106-109, 2005.
- SCHWEIGER, K. Zur brasilianischen Textart "Memorial Acadêmico": wie man sich in Brasilien auf eine akademische Stelle bewirbt. *Pandaemonium germanicum*, São Paulo, n. 14, p. 84-104, 2009.
- SILVA, W. C. L. Para além da ego-história: memoriais acadêmicos como fontes de pesquisa autobiográfica. *Patrimônio e Memória*, Assis, v. 11, n. 1, p. 71-95, 2015a.
- SILVA, W. C. L. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 7, n. 15, p. 103-136, 2015b.
- SOARES, M. *Metamemória-memórias: travessia de uma educadora*. Rio de Janeiro: Cortez, 1981.
- WAIZBORT, L. Para uma sociologia do memorial acadêmico – um fragmento. *Revista de Teoria Literária e Literatura Comparada*, São Paulo, n. 3, p. 77-82, 1998.
- WAIZBORT, L. Glosa sobre a universidade, a formação e as disciplinas do saber, por ocasião de um concurso universitário. *ARS*, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 138-145, 2011.
- WHITE, H. *The content of the form: narrative discourse and historical representation*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1990.